

ESFJ e controle da família em *Everybody loves Raymond*

Prof. Dr. João Sérgio Lauand
EDT – São Paulo

Resumo: O artigo analisa, a partir dos tipos psicológicos de David Keirsey (combinações dos fatores: I/E, S/N, T/F, J/P), alguns aspectos do comportamento da ESFJ Marie da série televisiva “*Everybody Loves Raymond*”. Apresenta e discute aspectos do comportamento no dia a dia, em situações concretas da vida. A tipologia de Keirsey mostra-se uma ferramenta útil para a Psicologia, com fecundas aplicações para a educação.

Palavras Chave: David Keirsey. Temperamento. *Everybody Loves Raymond*. Controle e Educação.

Abstract: This study analyzes, from the psychological types of David Keirsey (combinations of factors: I/E, S/N, T/F, J/P), some aspects of the behavior of Marie, the ESFJ character of the TV series “*Everybody Loves Raymond*”. And shows a sample of how she behaves in everyday life, in concrete situations of life. Keirsey’s types prove to be a useful tool for Psychology with fruitful applications in education.

Keywords: David Keirsey. Temperament Types. *Everybody Loves Raymond*. Control and Education.

Introdução. ESFJ = Provider

Aproveitando o mesmo referencial teórico de David Keirsey, apresentado em outro artigo no número anterior de ISLE – e que se encontra principalmente em seus livros *Please Understand Me*¹ (abrev.: PUM1) e *Please Understand Me II*² (abrev.: PUM2) – e as descrições de personagens da série televisiva “*Everybody Loves Raymond*” (abrev.: ELR), neste artigo examinaremos alguns aspectos do comportamento ESFJ (ou disfunções desse tipo), vivenciados pela personagem Marie Barone: esposa de Frank; mãe de Raymond e Robert; sogra de Debra e Amy.

Longe de nós querer estigmatizar este ou aquele tipo da classificação de Keirsey, menos ainda o ESFJ; trata-se aqui de disfunções, de caricaturas, exageros baseados em qualidades reais, boas em seu funcionamento normal. O mesmo pode ser feito para todos os 16 tipos de Keirsey; e ELR, afinal uma comédia, explora comicamente disfunções dos tipos, assentados em tendências reais em cada caso.

No caso de Marie, como em outros, o defeito surge de um exagero de qualidades que, em nível adequado, seriam virtudes. O ESFJ, além das qualidades gerais dos SJ (que Keirsey designa por *Guardians*) é caracterizado como *Provider*. Para efeitos deste estudo, destacaremos algumas características do perfil do ESFJ apresentado no site oficial de Keirsey:

Providers take it upon themselves to insure the health and welfare of those in their care [evidentemente, em primeiríssimo lugar, a família], but they are also the most sociable of all the Guardians (...). Providers are very likely more than ten percent of the population, and this is fortunate for the rest of us, because friendly social service is a key to their nature. Wherever they go, Providers happily give their time and energy to make sure that the needs of others are met, and that social functions are a success. Highly cooperative themselves, Providers are skilled in maintaining

¹ Keirsey, David & Bates, Marilyn *Please Understand me*, 4th ed., Del Mar, Prometheus Nemesis, 1984.

² Keirsey, David *Please Understand me II*, Del Mar, Prometheus Nemesis, 1988.

teamwork among their helpers, and are also tireless in their attention to the details of furnishing goods and services. (...) Friendly, outgoing, neighborly - in a word, Providers are gregarious, so much so that they can become restless when isolated from people. (...) Family traditions are also sacred to them, and they carefully observe birthdays and anniversaries. In addition, Providers show a delightful fascination with news of their friends and neighbors. If we wish to know what's been going on in the local community, school, or church, they're happy to fill us in on all the details. (...) Loving and affectionate themselves, they need to be loved in return. In fact, Providers can be crushed by personal criticism, and are happiest when given ample appreciation both for themselves personally and for the tireless service they give to others. (<http://www.keirsey.com/4temps/provider.asp>).

E em PUM1:

They need to be needed, loved, and appreciated and may spend much energy reassuring themselves that this is the case. They can become melancholy and depressed and even suicidal if they take the blame for whatever might be wrong in their institution or their personal relationships – as they are prone to do. (PUM1, p. 193)

ESFJs can cause others undue tension by expressing anticipations of gloom and doom, exhibiting a bent toward the pessimistic that can be contagious. They need to control their fears that the worst is sure to happen and suppress their tendency toward crepe-hanging and anticipating disasters. (PUM1, p. 193)

E mais: o ESFJ sempre está informado de tudo (“ESFJs show a delightful fascination with gossip... and they're happy to fill us in on all the details” PUM2, p. 111).

Só com enunciar essas qualidades (e imaginar suas disfunções...), já se pode entrever a caricatura que se instalará na personagem Marie. Não por acaso, os criadores de ELR escolheram uma ESFJ para ser **a sogra**. Uma sogra ESFJ tem um enorme potencial cômico: se todos os SJ são **nurturers**, essa necessidade de cuidar é potenciada precisamente nos ESFJ (“they need to be needed”, PUM1, p. 193). E, claro, o alvo principal desses cuidados é a família.

Além do mais, o pessimismo dos ESFJ, sempre antecipando desastres, reforça o instinto protetor da mãe ESFJ, levando a uma super proteção em relação aos filhos e a uma falta de confiança na capacidade das noras em cuidar deles (que, mesmo estando na casa dos 40, ela ainda considera menores de idade). Além do mais, as noras da nova geração não são páreo para as habilidades domésticas da sogra: Marie é insuperável na cozinha, no cuidado da casa e no decoro em geral.

A unidade da família como valor supremo, só pode se realizar por meio da solicitude da mãe, única *guardiã* – neste ameaçador mundo de hoje, à beira do caos – dos valores tradicionais: desde a cozinha (Debra, sua nora, má cozinheira, sucumbiu à barbárie e vale-se dos ridículos recursos da moderna barbárie: forno de microondas, congelados, disk-pizza etc.); a educação das crianças (Ray e Debra, atrevem-se, por exemplo, mesmo com a avó morando em frente, a contratar uma babá – episódio III, 3

- abrev.: em algarismos romanos, a temporada; em arábicos, o episódio); a cultura (por exemplo video-games em vez de piano clássico); a religião e o sexo etc. etc.

Se ser a pedra angular da unidade familiar é o papel natural da matriarca ESFJ, no caso de Marie, isso é acentuado pela incompetência dos filhos e noras (que “precisam” dela para que a família não se desintegre) e pelas atitudes do marido, o grosseirão Frank, que não está minimamente preocupado com esses valores, como quando – dois entre mil exemplos – Marie desabafa com Ray e quando Frank atalha o nascente interesse da neta por piano (a cultura para o troglodita Frank é, no mínimo, “frescura”) com um convite para jogar baseball:



II,4 Mozart

Junte-se a tudo isso a tradição da *famiglia* e da *mamma* (os Barone são ítalo-americanos) e teremos formado o quadro da ESFJ Marie: zelar pela família não é uma missão, mas a missão, sua razão de viver. É ela a única que detém a consciência e as virtudes necessárias para manter a família unida. E, evidentemente, essa união tem um centro: a própria Marie.

Para além das instâncias normais, comuns aos SJ em geral: cuidado pela casa, tradições, “rituais”, datas e festas (Natal, Dia de Ação de Graças...) etc.; há também as disfunções.

Ante a insensibilidade para os valores e as ameaças modernas ao sentido de família, Marie sente-se legitimada em ultrapassar qualquer limite para defender esse valor supremo. Não existe para ela privacidade dos outros (afinal somos uma família) e ela constantemente invade a casa de Ray e Debra e com a maior sem-cerimônia passa em revista a geladeira e joga fora produtos que ela considera inadequados, leva para lavar em sua casa as roupas dos netos, que a nora tinha acabado de (mal) lavar... Marie não hesita em, às escondidas, cheirar as roupas de Robert para ver se andou fumando, em espionar seu namoro com Amy (Marie é conservadora em matéria de sexo), em ler os diários dos filhos quando adolescentes, em remexer as gavetas (mesmo as trancadas) de Debra, para “comprovar” que a nora gasta demasiado em supérfluos e frivolidades; etc.

Claro que Marie nunca se considerará uma bisbilhoteira ou fofoqueira, mas simplesmente uma boa mãe, que exerce uma sábia vigilância, mesmo que implique em invasão de privacidade: “A good mother checks”, responde ela no episódio III, 11 a um Robert indignado ao descobrir as invasões da mãe.

Finalmente, nessa etapa da vida, já sexagenária, Marie não tem mais nada para fazer, exceto controlar a vida da família. É o que diz Raymond, tentando defender a mãe da acusação de intrometida, no episódio que analisaremos mais detidamente, *Thank you notes* (VIII, 2):

Mom loves the family. She really does. And she thinks it's her job to hold it all together. Does she overreact occasionally? Okay. (...) She's an old lady. What else does she have?...

Mas, a verdade, é que se trata da aceitação de um fato consumado e irreversível:

... Besides, before even giving up a drop of power, she will truly kill us all.

Já Debra não é tão compreensiva e em III, 3, *The Sitter*, cansada das intromissões da sogra, lança em Marie a ironia certa:



A seguir, deter-nos-emos em um episódio que mostra muito bem essa atitude avassaladora de Marie. Um outro episódio indispensável para esse tema, mas que não analisaremos aqui, é *Call me Mom* VI, 21, no qual Raymond chama a sogra Lois de mãe e Marie, enfurecida, se desdobra em esforços para acabar com essa ameaça a seu absoluto matriarcado sobre a família...

Enquadrando um novo membro da família

A 7ª. temporada se encerra com Robert, finalmente, casando-se com Amy. No episódio *Thank you notes* (VIII, 2), o casal volta da lua de mel e Marie põe em prática seu plano para submeter a nova nora a seu controle. Para começar, nem bem Robert e Amy entram na casa de Raymond, Marie (que mora em frente) irrompe, com explosões de carinho, e já avisando que esteve plantada na janela dois dias esperando pela chegada deles.



Depois de explicar que os *Providers* se encarregam de tudo na família – tanto do material quanto do moral – Keirse (PUM2 p. 112) afirma que esperam também responsabilidade dos demais membros da família para que tudo ande bem na casa, particularmente no que diz respeito ao decoro e à gratidão. Em PUM1 lembra que valorizam especialmente as aparências e a imagem da família (p. 192).

Assim, logo que encontra Robert e Amy (a nova integrante da família que deve se enquadrar nos valores da matriarca ESFJ (para quem esses valores assumem “the form of shoulds and should nots” p.192), Marie cobra da nova nora, como que de passagem, que ela mande uma carta de agradecimento ao casal amigo de Marie, Lee e Stan, pelo presente de casamento: uma vela laranja brega, numa caixa de vidro ladeada pelo convite do casamento (quando a vela é acesa o convite se ilumina). Ninguém lembrava desse presente (tenha-se em conta que os SJ valorizam muito as expressões de gratidão – PUM2, p. 97), mas Marie pressiona:

M: I thought it was so clever. They just wanted to make sure you got it. 'Cause they had it specially made. They didn't know because they didn't get a thank-you note.

Amy tenta desconversar:

A: It's just, you know...

Marie insiste e sutilmente amplia a obrigação para o plural:

M: You're gonna send one, right? You're gonna be sending out thank-you notes, aren't you, Amy?

A: Yeah sure, Marie. I'll get to it.

Marie, para mostrar quem é que manda e que ela considera o assunto importante para a família, não aceita a imprecisão e apela para a responsabilidade quanto à imagem da família:

M: When you say "Get to it..." when do you think you'd be doing them? Because people have been commenting.

Rb: What do you mean? Who's commenting?



Marie, como chefe, dá-se o direito da imprecisão:

M: People... So, Amy, when can I tell the people to expect their thank-you notes?

Amy, de início delicadamente, tenta explicar a Marie que ela não dá tanta importância a essas notas de agradecimento e Marie aproveita para censurar os recém casados de sonegarem informação para “a família” (informação que ela – como sempre – vai buscar também em fontes externas) e começa a instilar culpa em Amy por não terem informado que já tinham chegado no dia anterior e deixar a mãe preocupada é pior que um desastre de avião.

A: Well... can I be honest with you, Marie?

D (prevendo tempestades) : Uh-oh.

M: Of course. You can say anything to me. We're family.



R (prevendo tempestades): Uh-oh.

A: Well, you know, we **just** got back from our honeymoon, and...

M (censurando) - Oh.

A: What?

M (decepcionada) : Nothing. I just thought you were gonna be honest with me. I mean, to tell the truth, you two have been home for a day and a half now, haven't you?

Rb: Well, we just wanted to unwind for a little bit.

M: But you knew I was waiting. No call or anything. I was so worried, I called the airlines. I thought, "What if there was a plane crash?" But when they said, of course, there was none, I have to tell you, I was a little upset. And now, to make such a fuss when I'm just asking you about thank-you notes, I would like to think that we are at least grateful for the good fortune and generosity bestowed upon us by people who love us.



A: Marie, I can't believe this means so much to you. But if it does, I'll write the notes as soon as I can.

Mais uma vez, Marie detém o privilégio da imprecisão; os súditos devem ser específicos: o controle só pode ser exercido se há informações exatas.

M: And when will that be, dear? So I can tell everyone.

A: I don't know, Marie. Can't you just tell them they'll get them when they get them?

M: I see. I have to say, Amy, that I'm a little surprised and disappointed.

A: And I have to say, Marie, I really don't care about this right now.

Marie, ofendida, devolve a lembrancinha que Amy lhe tinha dado no início do episódio e intima Frank a se retirarem da casa:

Rb: Come on, Mom. You're being a little crazy about thi...

M (como que repreendendo um filho pequeno que lhe faltou ao respeito): What did you say to me?

Rb: Nothing.

Marie sai batendo a porta e Debra felicita Amy:

A (em choque) What happened? I don't understand.

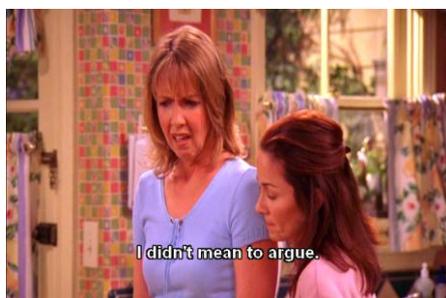
D: Oh, honey. You married into the Manson Family. And Charlie goes off sometimes.

A: I didn't mean to argue. It's thank-you notes. It's so stupid.

D: Hey hey hey hey hey. Look at me. You were great. Do you hear me? You can't let her get away with anything.

A: But she's so upset. I don't want a bad relationship with her. I should go apologize.

D (como quem felicita um herói libertador) : No no no no no. Hey, listen, that is exactly what she is waiting for... for you to go over there and say you'll write those thank-you notes. You have got to be strong. She is testing you. Trust me, what she just pulled here, that's her big weapon... the guilt bomb. And it doesn't help that all the men in her family are scared to death of her. Whenever she comes up against somebody with a backbone who might actually confront her, she's completely threatened and she gets her claws out. And so she has been allowed to rule this way, unopposed, for decades. Listen, Amy... I have been waiting for you. This is a critical time. Even though this is a tough regime to topple, with you in the family, now we have a shot... you and me together, to end all the suffering. Do you hear me? We can do it!

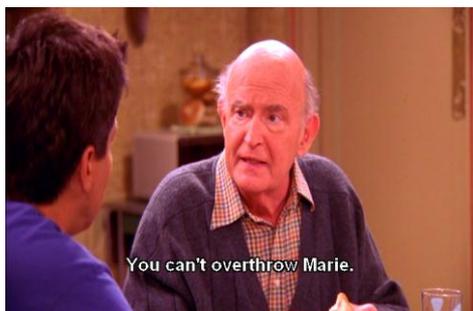


R (rindo da ingenuidade de D e A): You're so nuts. You still, after 15 years, haven't figured anything out about this woman? Amy... Here's how I see all this stuff. Mom loves the family. She really does. And she thinks it's her job to hold it all together. Does she overreact occasionally? Okay. So she wants you to write a few thank-you notes. She's an old lady. What else does she have? Besides, before even giving up a drop of power, she will truly kill us all.

Rb: I agree with Raymond.

A: Why does this family have to be this way, with Marie wielding so much power, and everyone living in fear instead of just enjoying each other?

Enquanto Debra continua tentando persuadir Amy a enfrentar Marie, Raymond, sempre com medo da ira da mãe, sai discretamente e vai aconselhar-se com o pai e não percebe que Marie estava espionando a conversa.



Marie sabendo da “conspiração” vai enfrentar Debra e Amy: a parte principal da culpa é, como sempre, negar a informação total sobre tudo para a matriarca, que merece saber para manter a família unida (e “compra” com amor, serviços e boa comida para todos...)

M: I was shocked to hear that you two were conspiring against me in some way. What have I done to bring on such disrespect? You know, in the Orient, elders are revered and honored, not plotted against. And why do you have to talk about me behind my back? I'm here. Right here. Debra, we may have our differences, but I consider you my daughter. And, Amy, all I want is for you to feel the same way. I just don't understand why you couldn't be direct with me. You may not like what I said before, but at least I said it to you.

A: (abraça M): You're right, Marie. I'm sorry. I don't want to start off like this. I love you.



M (satisfeita): I love you, honey.

A: And you know what? I'm gonna sit down and start on those thank-you notes today.

D (indignada): - What?

M: Whenever you get to it, dear. No pressure.

D: Wait a minute, that's what this is all about! I know you too well, Marie. You come over here all rational and normal and telling the truth, and this sap fell for it.

A: (ofendida, dirige-se a D): Hey!

Debra vendo o prolongado abraço de Marie em Amy, atina com o ponto: Marie faz com que se ameace romper a unidade da família, que só pode ser reconstruída se todos se submeterem a seu modo de ser.

D: You can't see that? This is a strategy... divide and conquer!

M: I don't know what you're talking about, Debra, but could it be that you're a bit jealous 'cause you have to share the spotlight with Amy?

D (cada vez mais aos berros): Jealous? Jealous?! She just did it again, Amy! I am putting an end to all of this, do you hear me? I am not letting you (M) take another one. Amy, don't you see she will do anything to win? She's the devil!

A: I've gotta tell you, it seemed to me like she was being very upfront and honest.

D (agitadíssima, tentando romper a ingenuidade de Amy, como nos filmes em que alguém tenta salvar um ser humano prestes a sucumbir aos alienígenas que vão transformá-la em zumbi...): No! No, Amy, don't go! Don't go!

Amy: Debra, stop it! I can't stand all this. I'm not used to it. I'm not good at it. I come from a family that wouldn't yell if they were on fire. And, you know, you're not gonna like hearing this, Debra, but I think Ray was right before when he said maybe we should just all try being nice.

D: She's gone.



M (triumfante ante o isolamento de D): Did you want to say something, Debra?

D (capitula): No, Marie. Nothing. Just... I'm sorry.

M: Aw, now doesn't that feel good to say that? (todos se abraçam, em torno de Marie)

D (constrangida): Oh yes.

M: And I agree with everything you said, Amy. Everything. And about those thank-you notes, I don't care if you ever get to them. Except maybe one to Lee and Stan about the candle. Could you just do that one? See, Lee can be so annoying about things like this.

D: No problem, Marie.

M (abraçando Amy e alfinetando D com o olhar): You're an angel. There's no one like you.

Marie impõe o esquema de aprisionamento pela culpa, praticado em certos setores radicais católicos: exigências sobre-humanas e facilidade de obter o perdão por

confissão, que requer como atos prévios: a contrição (o reconhecimento da culpa e arrependimento), a confissão e a penitência (reparação do pecado com o propósito de não mais o cometer). Marie, mais atenta ao lado externo das aparências, se satisfaz com o reconhecimento da culpa pela confissão: “I’m sorry”. Não adianta querer subtrair-se à onisciência de Marie: ela acaba sabendo de tudo; não adianta querer opor-se a seu domínio: um simples “I’m sorry” traz de volta a paz familiar e – sobretudo nos casos de Ray e Robert – a maravilhosa comida da “mamma”.

E assim termina o episódio. O epílogo, uma espécie de coda de cada episódio, traz uma informação sobre a atitude de Marie, aparentemente exagerada e caricaturesca, mas com que já me deparei realmente, mais de uma vez, em meus anos de aconselhamento. Frank e Marie estão tomando o café da manhã e entra Lee, a amiga de Marie, diz que estava passando e entrou para dizer que recebeu a mais encantadora carta de agradecimento “from that sweet Amy”, uma carta longa sobre como foi maravilhosa a vela laranja etc. E confessa que quando Marie escolheu esse presente para que ela desse a Amy, inicialmente ela achou de mau gosto, mas agora, evidentemente, ela tem que reconhecer o extraordinário bom gosto de Marie. E, assim, o episódio acaba com mais um: “I am so sorry, Marie!”



Recebido em 28-11-10. Aprovado em 12-12-10